

## Comunidade açoriana-carolina

Clique nas imagens para ampliar

**Autor(a):** Martha Pereira Quintana | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

**Tema:** História

**Subtema:** História das comunidades açorianas

**Referência geográfica do conteúdo:** San Carlos, Uruguai

**Data de publicação:** 30/10/2008

**Línguas disponíveis:** Português



Paróquia San Carlos Borromeo. Inauguração: 1 de janeiro de 1801

### RESUMO

A cidade de San Carlos encontra-se na região leste do Uruguai (América do Sul, entre Argentina e Brasil) e sua jurisdição compreende atualmente as circunscrições do segundo, quarto e sexto distritos judiciais do departamento de Maldonado.

Estes limites compreendem uma superfície de 1.546 quilômetros quadrados, equivalente a 32,9% do território do departamento.

Seus centros mais importantes, depois da cidade, são os balneários La Barra, Manantiales e José Ignacio - na zona rural, Partido Norte e Partido Oeste - no segundo distrito, povoado de Abra de Perdomo, Carapé, Guardia Vieja e Pueblo Eden - no quarto distrito.

Os arroios Maldonado e San Carlos formam uma forqueta e rodeiam a cidade. Estes dois arroios nascem nas Serras de Carapé e seguem uma vasta trajetória até desembocar no Oceano Atlântico. A rodovia 9, que passa ao norte da cidade, conduz ao departamento Rocha e a seguir ao sul do Brasil.



Mapa do Uruguai. Foto: Eduardo Fernández Acosta

### CONTEÚDO

#### COMUNIDADE AÇORIANA-CAROLINA

San Carlos foi fundada no ano de 1763, embora não exista uma data exata, devido ao processo fundacional empreendido por famílias procedentes das Ilhas Açores que se encontravam no Rio Grande do Sul.

Durante aproximadamente 20 anos a população que se constituiu em Vila foi nitidamente de origem lusitana. Em 1780 chegou um contingente populacional proveniente da Espanha, ocupando os lugares deixados por uma parte da população açoriana que havia retornado ao Rio Grande com o Tratado de Santo Ildefonso.

Seu fundador, Don Pedro de Cevallos, predizendo à então Vila um futuro promissor, havia dito: "Que permaneça e floresça".

Por isso o escudo da atual cidade de San Carlos ostenta uma legenda que diz: "Permaneceu e Floresceu".

Não foram realizados estudos sérios sobre a porcentagem de pessoas de origem açoriana que a atual cidade de San Carlos possui, mas devido à importante presença de sobrenomes açorianos acredita-se, no plano da hipótese, que supere 70%.

Durante muitos anos a sociedade carolina se caracterizou por ser conservadora com um forte sentimento de pertença. Desde suas origens San Carlos buscou ser uma sociedade organizada, consolidada de acordo com os princípios de cada época.

Lutou sempre por sua autonomia, sentimento herdado dos açorianos, os quais pedem, em 1780, um Cabildo para a então Villa de San Carlos, de forma que se tornasse independente de Maldonado. Esta solicitação lhes foi negada, apenas se lhes outorgou um Alcalde de Hermandad que lhes conferiu certa independência.

Passados os anos, o Uruguai foi crescendo e reafirmando seu espírito democrático e os governos departamentais foram assim sendo constituídos. Ainda que San Carlos não tenha sido a capital departamental, lutou para obter a tão ansiada autonomia.

Em 1963 se formou um grupo de danças tradicionais, chamado Los Azoreños, grupo que ao ter aprovados seus estatutos no ano de 2002, se transformou em Associação Civil. É imperioso destacar a dedicação e o trabalho incansável do Professor Ariel Guadalupe, quem, junto com estudantes de magistério, começou ensinando e praticando danças tradicionais e a seguir as típicas açorianas. Este grupo dá origem ao centro que hoje em dia oferece muitos elementos da cultura açoriana.



Mapa da costa do departamento de Maldonado.



Planta da cidade de San Carlos

#### HISTÓRIA

A partir de 1746 se iniciou uma diáspora de açorianos, que foram povoar o sudoeste do Brasil. Primeiramente o atual estado de Santa Catarina, posteriormente a zona que hoje denominamos Rio Grande do Sul.

Muitas destas famílias se encontravam no Rio Grande do Sul há mais de 3 anos, outras há mais tempo ainda, quando Cevallos tomou essa região, depois de uma campanha militar exitosa, e as trouxe para fundar San Carlos.

Os ilhéus, afirma a historiadora Florencia Fajardo Terán, constituíram um elemento colonizador de alta hierarquia. Foi um grupo que chegou à paragem trazendo bens pessoais e, o que é muito importante, instrumentos para lavrar a terra, dos quais já eram possuidores desde que saíram das Ilhas Açores.

É importante destacar o número de pessoas com o qual San Carlos foi fundada, diferentemente das outras populações espanholas que tiveram lugar no solo oriental durante o século XVIII. A vila foi fundada com 114 famílias e 511 indivíduos, de acordo com um censo realizado na época da divisão de trigo, em 1764. Muitas vezes os povoados foram obtidos não por fundação direta, mas por uma via indireta, como um forte militar ou uma capela.

Esta peculiaridade histórica repercutiu muito na vida posterior e no processo cultural que ajudam a construir.

Foi um povo de agricultores, sendo a posse da terra uma condição essencial para viver.

A colonização da região, de San Carlos e de seus distritos, ficou nas mãos dos açorianos.

As famílias partiram de terras brasileiras, em distintos momentos a partir de 1763, chegando no dia 8 de julho o primeiro contingente à vila.

Antes de partir do Rio Grande do Sul os povoadores são comunicados que:

"Poderão levar todos os apetrechos que sejam de regular peso à carruagem a eles destinada, e se tiverem alguma coisa que não puderem transportar, é permitido que a transmitam como queiram".

Acrescenta o documento que o capataz de carretas assistirá a carga delas, para que levem o peso regular e partam ao sair do sol. Fizeram o último pão e partiram ao amanhecer.



Escudo da cidade de San Carlos



Demoraram 15 dias para atravessar a praia e chegar a Santa Teresa.

As carretas se concentraram neste lugar para continuar a marcha, vinham repletas, por isso seu andar era lento. Traziam seus próprios gados e os que tinham destinado ao Rei.

Diferentemente de outros colonos, os açorianos vinham com sua própria riqueza pecuária, ou seja, não vinham subtrair, mas acrescentar. Diz o Capitão Pedro José Pérez ao General Cevallos:

"As carretas vêm carregadíssimas, e é com os apetrechos que trazem dos casais, pois se fosse possível retira-los seriam necessárias dez carretas para transportá-los."

Em julho de 63 o General Cevallos escreve ao Capitão Mendiñeta:

"Vão caminhando até quarenta famílias de ilhéus com seus gados, às quais precederam outras."

Lázaro Mendiñeta proporciona madeira e pregos para a construção dos ranchos e de uma capela, são distribuídos terrenos, farinha e sal.

Cevallos informa, através de um ofício, que será realizada a demarcação da vila e de suas ruas pelo engenheiro Juan Bartolomé Howel, sendo cumprida a divisão de terras em chácaras e estâncias.

Antes de finalizar o ano de 1763 solicitaram um professor para seus filhos, que fosse de fala castelhana, sendo a proposta feita a Joseph de Capdevilla.

A vida destes colonos não foi nada fácil. Através de um extenso documento, enviado ao Vice-rei Arredondo, registram os conflitos com o Cabildo de Maldonado e solicitam um Cabildo para San Carlos. Contam, com preciosos detalhes, as peripécias passadas durante os primeiros 27 anos da vila. Este documento está no Archivo General de la Nación em Buenos Aires, sendo para lá dirigido por ser o lugar de residência do Vice-rei.

A solicitação de autonomia, que é a questão central deste documento, se baseava nas leis das Índias, pois a população tinha categoria de Vila, que significava autonomia ou independência de qualquer outra população, e vinculação hierárquica direta com o Governo de Buenos Aires.

Nesse documento afirmam:

"Esta Vila foi fundada pelo Exmo. Sr. Don Pedro de Cevallos no ano de 1763, com os vizinhos que vieram voluntariamente do Rio Grande do Sul, quando tomada por Sua Majestade Católica, a quem conhecemos e veneramos por nosso Rei e Soberano que Deus guarde. Desde sua fundação estes vizinhos, somente com nossos auxílios, fizemos a Igreja, casa da Comandância, com a do Padre, e também as nossas todas, com suas cozinhas correspondentes e o Quartel para a Tropa desta Comandância.

Obrigaram-nos a fazer um forno de tijolos dizendo que era para o rei, e concluído e carregado para cozinhar-lhe, mudaram ao Comandante Don Fernando Cossio, que o acompanhava, e se perdeu o forno e nosso trabalho. Fizemos também à nossa custa uma casa para hospedar o Sr. Bispo Don Manuel de la Torre, para quando viesse fazer sua visita, a qual serviu depois de quartel até que se arruinou. Fizemos depois outra Igreja maior, de trinta e seis varas de comprimento e dez de largura, no tempo que Don Vicente Ximénez era Comandante, a qual foi construída no ano de 85 por esta vizinhança, tudo à sua custa, e já não está servindo atualmente. Também tem esta vizinhança o alicerce de pedra de outra Igreja começada com 40 varas de comprimento e 11 de largura."

Também encalhou na Punta de la Ballena uma lancha do rei, carregada de víveres para a tropa, que a vizinhança daquela cidade não pôde colocar na água. A seguir acudiram a maior parte dos vizinhos e conseguimos colocá-la na água mediante muito trabalho.

De forma que nesses 10 primeiros anos que essa população se encontra nesta Vila, tendo em conta os 27 anos de sua fundação, em vez de ter algum alívio, e aqueles auxílios que Sua Majestade concede piedosamente aos povoadores ou fundadores de qualquer Vila ou Povoado: temos trabalhado incessantemente, e aqueles que se encontram em seus distritos, já citados, em todas as espécies de fadigas e serviços que dispunham ou enviavam os Comandantes da cidade de Maldonado; porque os desta Vila sempre eram designados, por desgraça, a serem súditos daqueles mesmos corpos e de menor graduação....

Depois desta longa e claríssima exposição que se buscou sintetizar, eles alegam que o retorno de quarenta e tantas famílias aos domínios do Brasil, depois do Tratado de Santo Ildefonso, deveu-se a esta vida de sacrifícios que tiveram que suportar.

Assinam o documento mais de 60 pessoas, exceto três todos sabem assinar. Entre os que assinam destacam-se os Correias, Piriz, Pereira, Rodríguez Vaz, Amorín, Pérez, Sosa, Araujo, Núñez, Silva, Coello, Dávila, Amago, Fernández, Aquino, Gutiérrez, entre outros.

Apesar dos requerimentos que fizeram ao governo de Buenos Aires, os povoadores viviam uma vida economicamente folgada, lavravam a terra, criavam gado e elaboravam queijos que em décadas posteriores seriam vendidos no mercado londrino com o rótulo de Maldonado.

A Vila denotava prosperidade por esses anos, a Dra. Florencia Fajardo Terán faz referência a um inventário de uma mercearia de 1769, onde são descritos os artigos deste comércio.

O que havia nele?

**Camisas de Ruan ou da Bretanha, botões de seda, de metal e ainda de ouro, fivelas, dragonas de seda, fitas de rabicho de cabelo, pentes feitos de chifre, redes de cabelo e meias de seda, chapéus finos e também comuns, gorros com flores, saltos de sapatos, gravatas de seda para mulher, peças de galão em prata falsa ou fina, variedade em tecidos, também existem ferramentas e objetos variados e até livros.**

É fácil imaginar as açorianas enfeitadas com suas redes de cabelo e meias de seda, sapatos de salto, gorros com flores, roupas de cor verde ou carmesim enfeitadas com botões de seda ou de pedra.

Essa prosperidade que foi aumentando apesar das queixas daqueles que assinam o documento, foi distanciando-os de uma forma de vida modesta e opaca.

A prova disto é a razão pela qual o Comandante Manuel Serrano solicita ao Vice-rei seu traslado como Comandante à população de Minas, dizendo textualmente:

**"Digne-se enviar-lhe a um destino no qual seja menos custosa sua manutenção, decência e a de sua família. Em um Povoado no qual o luxo se fez tão forte e onde seu salário é tão mísero..."**

Na primeira década de fundação da Vila as autoridades ordenam que as casas sejam feitas com tijolos e telhas.

A fisionomia da Vila vai mudando.

Em 1773 grande parte de uma extraordinária produção de milho é exportada, sendo expedidas, portanto, novas concessões de terras para chácaras.

Há um ostensivo progresso econômico nesses 27 anos descritos no documento mencionado, apesar do retorno de mais de 40 famílias ao Brasil, reforçado com a presença dos espanhóis peninsulares instalados nas casas que os ilhéus tinham deixado.

No ano seguinte a este documento, ou seja, em 1780, o censo lança os seguintes dados: 131 famílias, compostas por 540 pessoas e 94 escravos. Não são contabilizados os peninsulares.

O retorno destas 46 famílias a terras brasileiras deu um aspecto desolador à Vila, pois os povoadores que tinham ficado partiram para o campo para trabalhar nas chácaras e estâncias, resultado de uma nova divisão de terras, e muitos dos peninsulares trazidos da Patagônia chegavam com extrema pobreza para iniciar sua vida nestas paragens.



Casa Centro Cultural Açoriano



Praça Islas Azores. "Aqui terminou a viagem e começou a história"



Museu Regional Carolino. Casa construída por Rudesindo de Silva, um dos primeiros povoadores da Vila